

artistas do

VESTIR

uma costura dos

AFETOS

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **Fundação Itaú | Itaú Cultural**

Artistas do vestir : uma costura dos afetos [recurso eletrônico] / organizado por Itaú Cultural ; vários autores ; curadoria de Carol Barreto e Hanayrá Negreiros. - São Paulo : Itaú Cultural , 2025. 146 p. : il. color. ; 52,5 MB

ISBN: 978-85-7979-194-9

1. Arte e moda. 2. Moda - Ancestralidade. 3. Moda - Identidade cultural. 4. Representatividade na moda - Brasil. 5. Exposição artística. I. Instituto Itaú Cultural. II. Fundação Itaú. III. Título.

CDD 391.00981

Bibliotecário Fernando Galante Silva CRB-8/10536



Expediente

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Furtado, Carla Chagas e Kety Fernandes Nassar

CONSELHO EDITORIAL

Bianca Selofite, Fernanda Simony, João Maturana Passos (até outubro de 2024), **Juliano Ferreira, Lua Martins e Sofia Fan**

PESQUISA

Andréia Briene (até maio de 2024), **Luciana Modé** (até fevereiro de 2025) e **Tainana Andrade**

PRODUÇÃO E EDIÇÃO DE TEXTO

Fernanda Castello Branco (até novembro de 2024), **Heloísa Iaconis, Juliana Ribeiro e Mayra Sartorato**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Bruna Guerreiro

SUPERVISÃO DE REVISÃO DE TEXTO

Tatiane Ivo

REVISÃO DE TEXTO

Karina Hembra e Rachel Reis (terceirizadas)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

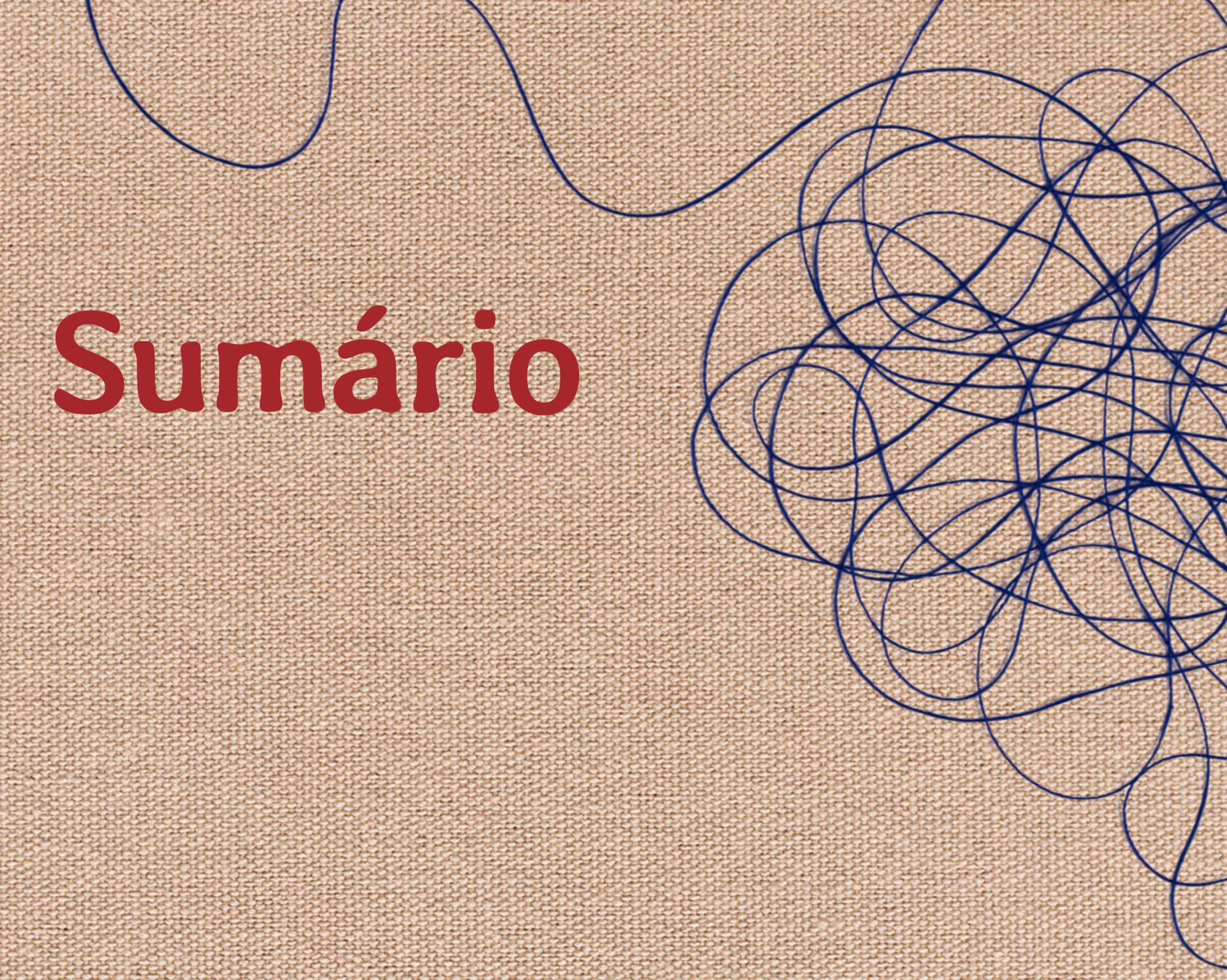
Estúdio Claraboia (terceirizado)

FOTOS

Ana Pigosso/Itaú Cultural

COLABORAÇÃO

Cris Pioner, Germana Cabral, Luís André do Prado e Roberta Souza



Sumário

4 Editorial

6 Curatorial

9 Conceitos

11 Ancestralidades

68 Contemporaneidades

112 Fazeres contínuos

146 Ficha técnica

Editorial

Moda é um tema fundamental para a sociedade. Seus aspectos sociais, históricos, econômicos, políticos e culturais impactam profundamente o Brasil e associam ancestralidades, contemporaneidades, tecnologias e fazeres contínuos. A mostra coletiva **Artistas do vestir: uma costura dos afetos** expõe essas relações do tema com nosso país e permite que nos aprofundemos na importância do ateliê para a construção da moda – e não apenas como um espaço de criação, mas como parte crucial desse processo.

Se precisássemos resumir a exposição, seria mais do que correto dizer que ela ressalta o fato de a moda ir muito além de roupa, vestuário, indumentária ou traje (temas, aliás, que serão semanticamente explicados em breve). A ideia central, aqui, é a de moda enquanto arte, política e forma de ser e estar no mundo.

Muito embora a mostra tenha estado em cartaz entre 27 de novembro de 2024 e 23 de fevereiro de 2025, sua relevância extrapola qualquer período temporal. Deste modo, surge o material a seguir, que, além do cerne da exposição, reúne



debates relevantes e atuais sobre a moda no Brasil, compilados pela equipe de Pesquisa e Desenvolvimento do Itaú Cultural (IC).

Neste documento, dialogamos por meio de diversas linguagens: curatorial, textos informativos, legendas da exposição e legendas comentadas da mostra, vídeos e fotos, incluindo as vistas dos andares. O material se organiza por seções, remetendo aos pisos da exposição, para uma melhor experiência.

Agora, enfim, o conteúdo está aberto para exploração. Boa leitura!



Curatorial

A mostra coletiva ***Artistas do vestir: uma costura dos afetos*** nos convida a mergulhar nos entremeios da moda como arte, política e forma de ser e estar no mundo.

O trabalho de mais de 70 artistas se entrelaça em fios de histórias que atravessam o Brasil – do chão de fábrica às passarelas, ao toque ancestral das mãos que tecem saberes antigos, costurando cotidianos diversos. Nesta exposição, o ato de vestir ultrapassa o corpo; é território de memória, resistência e criação, revelado em prismas inesperados e por meio de múltiplos suportes.

Propomos olhar a moda de dentro para fora, pois compreendemos que se trata de um espaço historicamente marcado por duras relações de poder e hierarquias sociais, estando no núcleo da operação das matrizes produtoras das desigualdades. Como curadoras, escolhemos falar sobre moda como uma linguagem central nas relações humanas, sobre a nossa aparência e todo o aparato discursivo presente nas imagens que nos “com-formam” ao longo do percurso de construção dos nossos afetos.

As águas que banham o Brasil convergiram para esta exposição, trazendo consigo saberes e fazeres que atravessam o tempo.

O que seriam os núcleos artísticos nós compreendemos como famílias, que, reunidas nesta mostra, se formam não apenas pela técnica ou pela tipologia dos materiais, mas pelo compromisso de imaginar a moda e as artes visuais como um campo de encontros e encruzadas – entre política, arte e ativismo. Costuramos com as mãos de nossas mais velhas, traçando caminhos de cuidado, bordando espaços muitas vezes permeados de ausências e lacunas das histórias deste país. Nem todas as corporeidades estão presentes, nem todas as trajetórias foram alinhavadas, mas este espaço se abre para os encontros e as provocações que a moda pode inspirar.

Pensamos a costura dos afetos como uma maneira de compartilhar a multiplicidade de modos de vida potentes e possíveis, mesmo que ainda pouco presentes na moda brasileira. Escolhemos, também, pensar a moda e a aparência atreladas não somente ao vestuário, mas a todos os objetos vestíveis, como veículos para estar no mundo e, conseqüentemente, como modos de construção do bem viver.



Esta exposição é uma oferenda, uma homenagem aos saberes ancestrais, às memórias que atravessam tempos e territórios e ao ato de criar como um gesto sagrado que reverbera em cada fio, em cada trama, irradiando afetos e despertando novas formas de ser e de habitar o mundo.

Carol Barreto e Hanayrá Negreiros

Conceitos

sobre o ato de se vestir

Para além da relação entre moda e roupa, há vocábulos presentes nos discursos sobre moda que, muitas vezes, são usados como se fossem sinônimos – mas não são. Trata-se dos termos “moda”, “vestuário”, “indumentária” e “traje”, conforme descrito no glossário que faz parte da pesquisa de Raquel Viana Gondim:

moda

Está presente nas situações de vida de todos e pode ser associada a um sistema de produção e comunicação. Tem a roupa como elemento central, mas não se limita a ela.

vestuário

O termo se vincula às finalidades que levaram as pessoas a adotarem o uso de roupas: a proteção, o pudor e o adorno. É a composição de peças que vestem um indivíduo.



indumentária

Está relacionada com o estudo da história do vestuário e suas mudanças entre as épocas. Questões sociais, políticas e culturais podem ser analisadas por meio dela.

traje

Conjunto de símbolos de uma comunidade, ou seja, algo tradicional para o cotidiano de um povo. É o meio pelo qual os sujeitos se apropriam da indumentária.

Ancestralidades





Nesta família artística, os saberes antigos são mantidos e honrados, conectando tempos distantes de forma circular, sem a rigidez da linearidade. O fiar do tear, repetido por gerações, não é apenas uma técnica, mas também um ritual sagrado, um elo entre o passado e o presente que valoriza cada gesto e cada memória. Aqui, o tempo é tecido como um ciclo contínuo no qual histórias e tradições vibram nas mãos que criam, nas palavras que evocam e nas memórias que permanecem.

É importante destacar que distinguimos “modismo” como um termo que se refere à utilização massiva e efêmera de determinada materialidade da moda. E chamamos de “moda” tudo aquilo que modula a nossa presença no mundo, evocando-a como expressão do que nos afeta e, assim, produzindo e reforçando afetos entre as pessoas, a natureza e todas as formas de vida, visíveis e invisíveis. Em cada trama, imagem, costura, bordado ou joia exposta neste espaço, é a importância do ser que alicerça o parecer.

Ancestralidades nos instiga a sentir a força desse passado vivo, a vestir o que fomos e continuamos a ser, a celebrar a manualidade e a resistência silenciosa contida em cada fio e trama, respeitando o legado dos que vieram antes e nos conduzem no presente.

Convidamos todos a reconhecer suas ancestralidades a partir do trabalho de artistas que evocam história, memória, resistência e laços afetivos por meio da escultura, da fotografia, das vestes e de outras materialidades que tocam naquilo que já conhecemos, mas que nem sempre intitulamos de moda.



SOBRE O VÍDEO

Carol Barreto e Hanayrá Negreiros, curadoras da exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, comentam a seção denominada *Ancestralidades*, cujas obras ampliam a ideia de moda para além do corpo, aproximando-a de afetos, emoções e subjetividades. Falam também das roupas de Ekeddy Sinha, das joias feitas pelas mãos de Juliana Fonseca com argila de Maragogipinho, no Recôncavo Baiano, e das fotografias da artista visual Aline Motta.



Alberto Pitta

Há mais de quatro décadas, Alberto Pitta dedica-se à estamparia têxtil e à serigrafia. Para ele, a arte é um diálogo com as festas populares, e entre os seus trabalhos mais conhecidos estão estamparias para o Olodum, o Filhos de Gandhy e o seu próprio bloco, Cortejo Afro.

“Minha arte enriquece a cultura e celebra as tradições que valorizo. Incorporo signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afrodiaspóricos, especialmente aqueles que vêm da mitologia iorubá, tão presente em Salvador e no Recôncavo Baiano.”

**Alberto Pitta**

Oxalá usa ekodidé – cortejo afro, 2022

indumentária em tecido

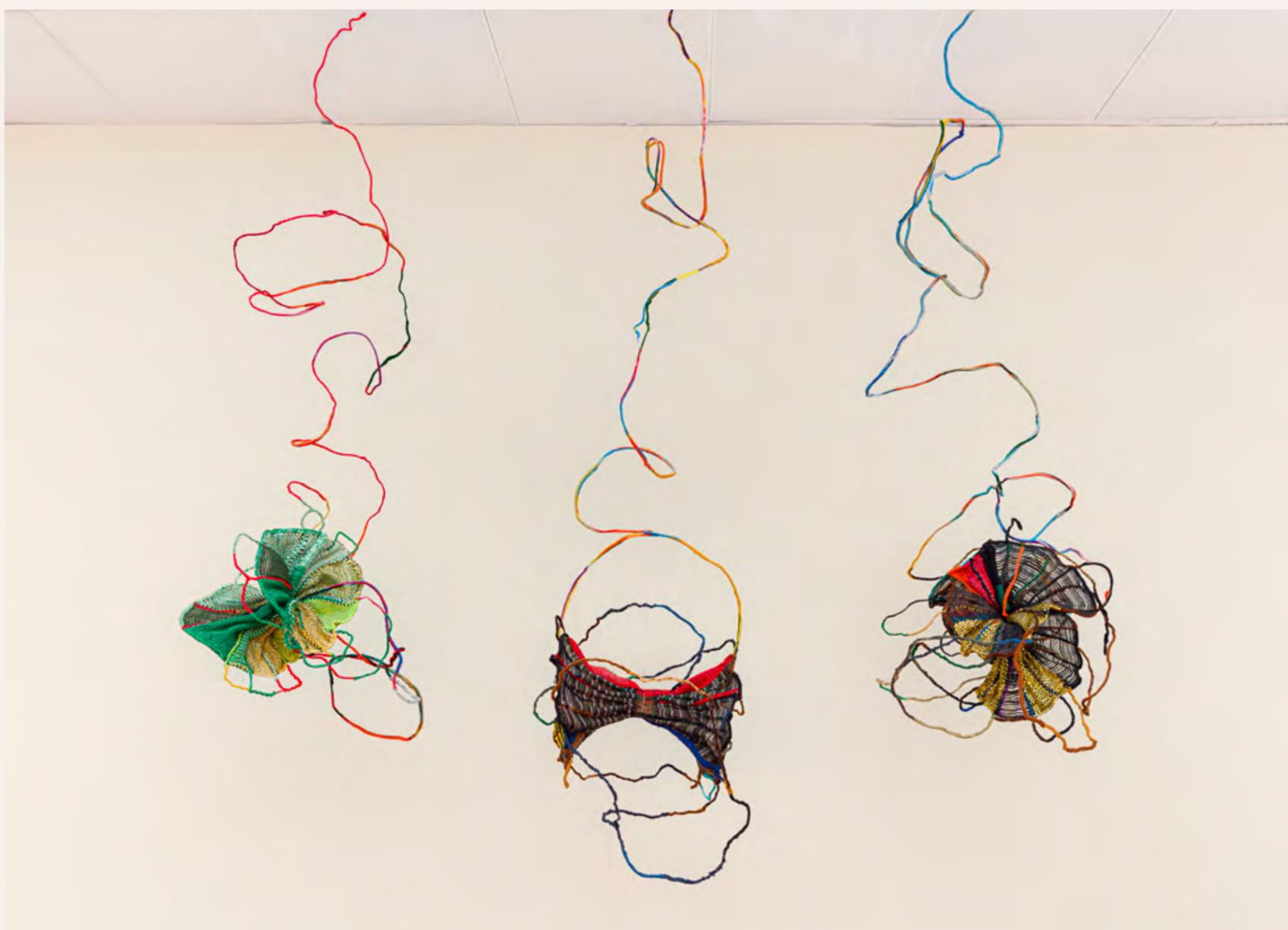
branco estampado e sombreiro

em tecidos bordados

ACERVO DO ARTISTA

Alexandre Heberte

De Juazeiro do Norte (CE), Alexandre Heberte é artista, professor, tecelão e *performer*, com experiência nas áreas de tecelagem e educação.



Alexandre Heberte

Roupas para não vestir, 2018

objetos têxteis produzidos por
tecelagem em tear de pente liço,
com algodão, arame, fios fantasia
e sintético

ACERVO DO ARTISTA

“Esta série mostra tecidos tramados no tear de pente liço. A tecelagem usa o ponto tela, ou tafetá, e o nó ancestral, que denominamos de nó caseado. Quando a roupa está no corpo, ela é tridimensional; quando está na gaveta, volta a ser bidimensional. A pesquisa dos objetos têxteis cria sólidos flexíveis, tecidos com corpo próprio que descobrem, na relação com o outro, a que se destinam.”



Alexandre Heberte

Roupas para não vestir, 2018

objetos têxteis produzidos por
tecelagem em tear de pente liço,
com algodão, arame, fios fantasia
e sintético

ACERVO DO ARTISTA



Aline Motta



Aline Motta

Pontes sobre abismos, 2017
série de fotografias digitais

ACERVO DA ARTISTA



Aline Motta

Pontes sobre abismos, 2017
série de fotografias digitais

ACERVO DA ARTISTA



Aline Motta

Pontes sobre abismos, 2017
série de fotografias digitais

ACERVO DA ARTISTA

Angela Brito

Angela Brito

Vestido cristal, 2022
coleção *Estrangeira*
tecido tradicional
de Cabo Verde feito
manualmente em tear,
com uma semana
de prazo para a
produção de um pano

Design, panaria,
costura e bordado:
Panu de Tera
Artesão: Antonio
Carlos (Santinho)
Costura: Lúcia Helena
Bordado: Gina

ACERVO DA ARTISTA





Anne Anicet

Atelier Contextura

Artista plástica e *designer* de moda, Anne Anicet, nascida em Porto Alegre (RS), é sócia do Atelier Contextura, empresa de arte, moda e texturas sustentáveis.

“Em 2024, minha cidade e meu estado passaram pela maior catástrofe ambiental de suas histórias. Ainda estamos nos reconstruindo, encontrando forças para nos reerguer. Esta obra é inspirada numa árvore, porque dizem que, para se conectar com a natureza, é preciso abraçar uma árvore. Aqui, as pessoas podem vestir galhos e raízes e abraçar a natureza, levantando as mãos ao céu como numa oração.”



Anne Anicet | Atelier Contextura

Connection, 2024

colagem têxtil

ACERVO ATELIER CONTEXTURA

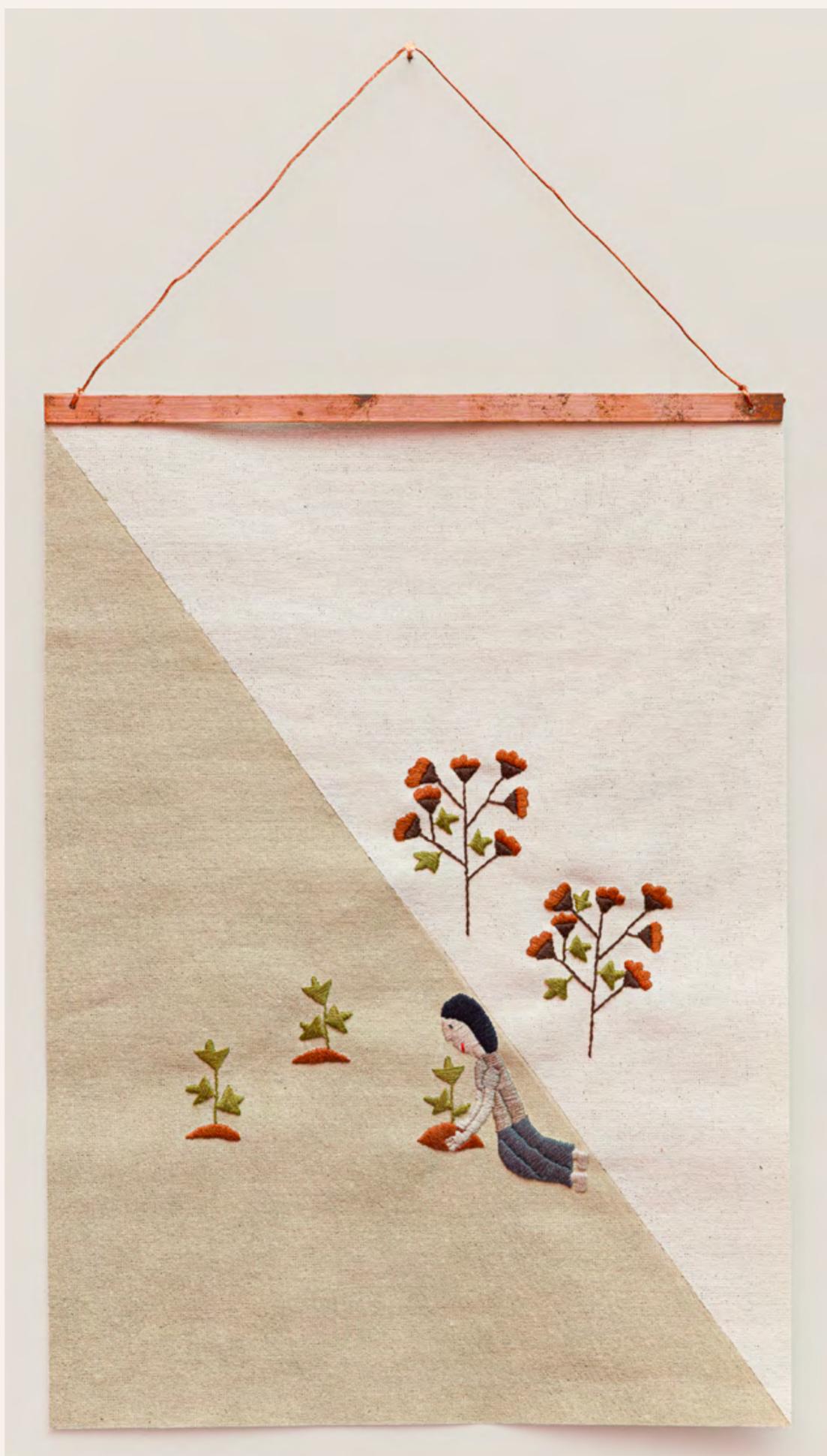
Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha

Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha (MG)

Plantando algodão, s.d.

*coleção O que sei,
o que sou*

bordado em ponto
cheio e pintura com
tinta de terra de
produção própria





Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha (MG)

Colhendo algodão, s.d.

coleção *O que sei, o que sou*
bordado em ponto cheio
e pintura com tinta de terra
de produção própria



Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha (MG)

Fiando no fuso e na roda, s.d.

coleção *O que sei, o que sou*
bordado em ponto cheio
e pintura com tinta de terra
de produção própria



**Bordadeiras do Curtume do
Vale do Jequitinhonha (MG)**

Tingindo tecido, s.d.

coleção *O que sei, o que sou*
bordado em ponto cheio
e pintura com tinta de terra
de produção própria



Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha (MG)

A tecelã e o tear, s.d.
coleção *O que sei, o que sou*
bordado em ponto cheio
e pintura com tinta de terra
de produção própria

Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha (MG)

Bordadeira e a árvore seca, s.d.
coleção *O que sei, o que sou*
bordado em ponto cheio
e pintura com tinta de terra
de produção própria

Carol Barreto



Carol Barreto

série Retrato de família, 2021

instalação

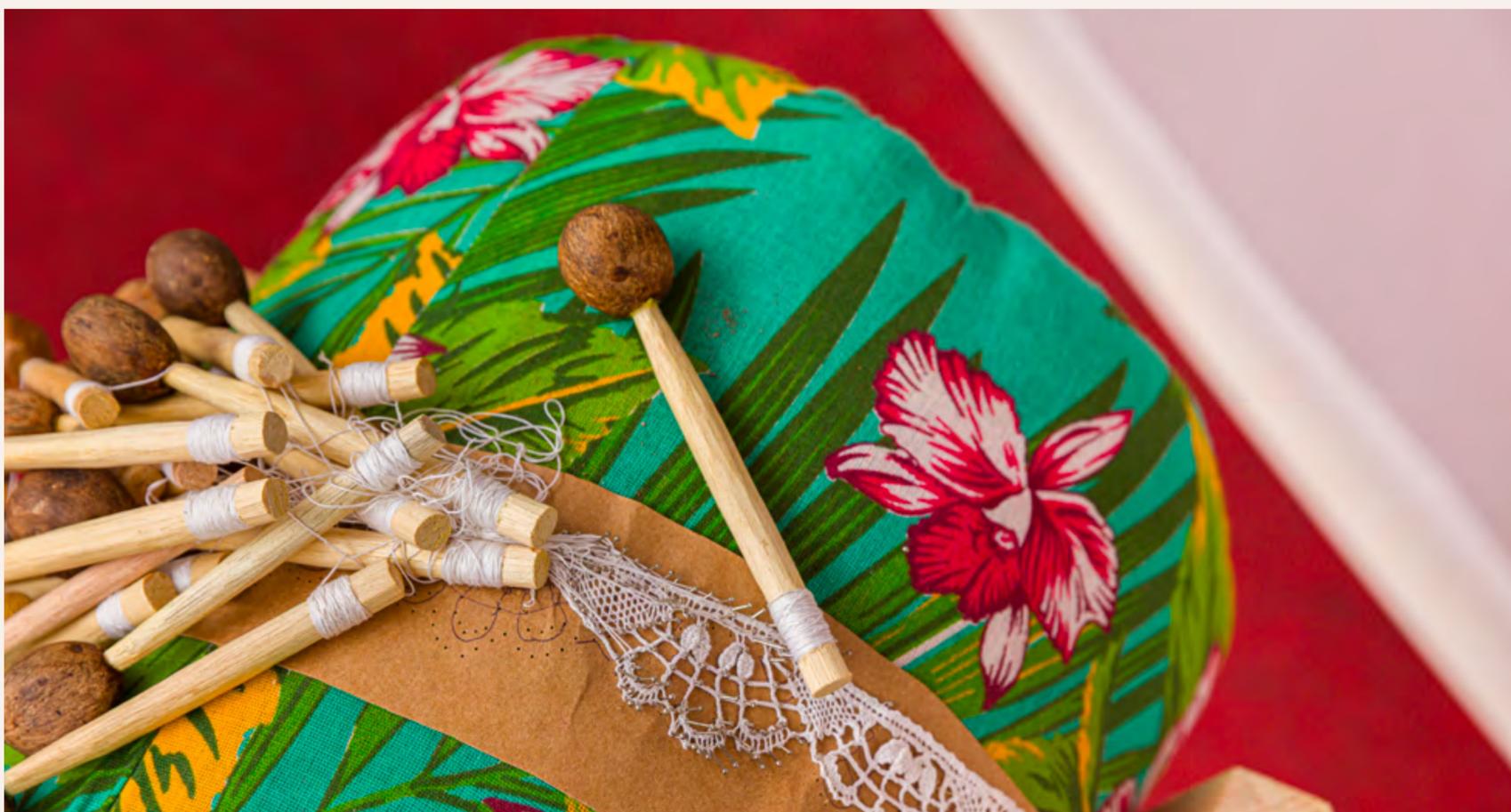
reprodução fotográfica em tecido,
renda de bilro e madeira

Direção artística e fotografia:

Roque Boa Morte

Trilha sonora: Laila Rosa

ACERVO DA ARTISTA

**Carol Barreto**

série *Retrato de família*, 2021

instalação

reprodução fotográfica em tecido,
renda de bilro e madeira

Direção artística e fotografia:

Roque Boa Morte

Trilha sonora: Laila Rosa

ACERVO DA ARTISTA

Ekedy Sinha

Terreiro da Casa Branca

Ekedy Sinha nasceu em Salvador (BA), em 1945, dentro do Terreiro da Casa Branca. Iniciada aos 7 anos de idade, ela tem desenvolvido um trabalho que envolve fé e ancestralidade. Em 2016, lançou o livro *Equede – a mãe de todos*.

Asò Orisà significa “roupa de ialorixá” (sacerdotisa de matriz africana de origem iorubá) na nação ketu, ou seja, a indumentária de uma mãe de santo, uma das mais importantes expressões de religiosidade no candomblé. Feita em tecido branco com bordados em *richelieu*, a peça reflete a estética ancestral da Casa Branca. O conjunto inclui *ojá ori* (pano de cabeça), bata, camisu, pano da costa, *atakan*, anágua, saia, calção, joias e chinelas.



**Ekedy Sinha | Terreiro
da Casa Branca**

Asò Orisà, 2024

roupa de ialorixá da nação
ketu; roupa de sacerdotisa
de matriz africana em organdi
suíço e bordado Richelieu

ACERVO DA ARTISTA

Fernanda Yamamoto

Fernanda Yamamoto

Yama: Fernanda Yamamoto e comunidade Yuba, 2021 coleção Primavera 2021 organza de seda e algodão cru

ACERVO DA ARTISTA

A peça apresentada foi vestida por um integrante da comunidade Yuba, e sua modelagem é baseada em reinterpretações do acervo do grupo.





Goya Lopes

Negra e nordestina, Goya Lopes é artista visual, *designer* de superfície e de moda, empreendedora, professora, ilustradora e escritora. Com as marcas Didara e Goya Lopes Design Brasileiro, faz exposições no Brasil e no exterior com o objetivo de divulgar a cultura afro-brasileira na moda.

“Pesquisei o que já estava na minha ancestralidade. Entrei conscientemente numa interseção com o design, o que enriqueceu minha arte. Realizei o sonho do pioneirismo na moda afro-brasileira com arte, com padrão de estética alto.”



**1. Goya Lopes**

Teares, 2022

coleção *Tecelagem africana*

lona de algodão e estampa em *silkscreen*

ACERVO DA ARTISTA

Há o tempo incansável do tecer, criação que se transforma em roupas dos reis e do povo, para festas e para momentos cerimoniais. As cores utilizadas são amarelo e variações de marrom. A obra é inspirada no livro *Tecelagem – uma história ilustrada* (2020), também de Goya Lopes.

2. Goya Lopes

Tecendo destino, 2022

coleção *Tecelagem africana*

lona de algodão e estampa em *silkscreen*

ACERVO DA ARTISTA

O fio utilizado pelas tecelãs simboliza o entrelaçar do tempo, do destino, e as cores escolhidas são azul real, azul médio, verde e cru. A obra é inspirada no livro *Tecelagem – uma história ilustrada*.

3. Goya Lopes

Dia e noite, 2022

coleção *Tecelagem africana*

lona de algodão e estampa em *silkscreen*

ACERVO DA ARTISTA

Peça artesanal com que se cria a tecelagem, entrelaçamento da urdidura e da trama. As cores escolhidas são vermelho e preto. A obra é inspirada no livro *Tecelagem – uma história ilustrada*.

Igi Lólá Ayedun



Igi Lólá Ayedun

Phoenix, 2023

série *Beleza convulsiva*

óleo, cera de ouro e bastão a

óleo sobre organza de seda pura

COLEÇÃO PARTICULAR



Irekran Kaiapó

Irekran Kaiapó nasceu e cresceu na aldeia Kubêkrãkej, no sul do Pará, detentora da cultura Mebêngôkre, repassada por sua mãe, suas tias e suas avós.

“A forma de ensino do povo Kaiapó é diferente. Aprendemos observando e reproduzindo, tendo noção de espaços no corpo quando nos pintamos, noção de cada traçado e enfeite. Tudo isso aprendemos olhando e, depois, reproduzimos em brincadeiras. Hoje tenho toda essa tradição mantida, isso sou eu, é parte de mim. As obras vêm da tradição, para passar à nova geração a continuidade Kaiapó.”



Irekran Kayapó

saia – *Mên kradjê*, s.d.

pulseira – *Mêýnay kam ágâ*, s.d.

bracelete – *Mpádjê*, s.d.

adorno – *Áyn*, s.d.

colar – *Môkrédjê*, s.d.

tornozeleira – *Prýn-ká*, s.d.

adorno de antebraço – *Myn-ý* ou
Mýnay kam pýn ká, s.d.

Isa Silva



Isa Silva

Acredite no seu axé, 2017
coleção *Acredite no seu axé*
jaqueta de sarja

ACERVO DA ARTISTA

**Isa Silva**

Acredite no seu axé, 2017
coleção *Acredite no seu axé*
jaqueta de sarja

ACERVO DA ARTISTA



Juliana Fonseca

Nascida no Recôncavo Baiano, Juliana Fonseca viveu cercada de cores, texturas e histórias que moldaram sua vida e sua visão artística.

“Meu trabalho é uma tentativa de materializar sentimentos e memórias.”

A peça exposta nasceu de questionamentos em relação aos nossos corpos, como uma forma de comunicar e sentir o corpo preenchido.

“A partir desse questionamento, comecei a criar o meu Corpo vazio. Uma obra construída com cordas, fios e barro.”



Juliana Fonseca

Corpo vazio, 2024

cerâmica, cordas e fios de seda

ACERVO DA ARTISTA



Karlla Giroto

Karlla Giroto é artista, professora, curadora e escritora, atuando com *performance*, texto, arte têxtil, instalação, vídeo, fotografia e criação de processos coletivos de experimentação com artistas.

“Trabalho pelas relações que se instauram nos processos de invenção – imaginativos, mágicos, artísticos, políticos, cósmicos, curatoriais –, elaborando a minha presença no mundo em relação com as memórias e o campo das forças. A escuta clínica e a dimensão clínica da arte ancoram os meus fazeres e processos.”

As peças foram feitas com meias-calças de náilon de mulheres da família materna de Karlla. No começo dos anos 1960, quando chegou a São Paulo vinda do Rio Grande do Norte, sua bisavó Ritinha recolhia as meias rasgadas da família e fazia recheios de almofadas e edredons.

“Criança, descobri que as almofadas de minha avó Maria, filha de Ritinha, eram recheadas com meias lindas, muitas cores imitando tons de pele diversos. Algumas dessas almofadas ficaram comigo até 2003, quando as meias se transformaram nas duas peças do desfile O duplo.”



Karlla Girotto

A terra é a pele da terra, 2024
pintura de argila sobre tela,
sangue, meias de náilon, terra,
fungos, cabelo e graveto

ACERVO DA ARTISTA

Leda Maria Martins



Leda Maria Martins

Rainha de Nossa

Senhora das Mercês, s.d.

ACERVO DA ARTISTA

Vestimenta usada por
Leda Maria Martins
na celebração da
Irmandade de Nossa
Senhora do Rosário

Leticia Côrtes

Leticia Côrtes

espartilho *Elaine Cortes do Carmo*
e saia *Elizabeth Cortes do Carmo*, 2022
coleção *Qual ancestral você quer ser?*

espartilho de sarja 100% algodão,
linha, barbante de algodão
e zíper dourado

saia de sarja 100% algodão, linha,
barbante de algodão de crochê,
barbatanas e zíper dourado

ACERVO DA ARTISTA



Lino Villaventura



Lino Villaventura

*Mega capa em índigo e seda
com texturas e nervuras, 2022
bordado com linha de seda
e vidrilho de cristal austríaco,
índigo e seda*

ACERVO DO ARTISTA

Mestre Didi



Mestre Didi

colar de couro, palha,
búzios e miçangas,
déc. de 1980

COLEÇÃO RAFAEL MORAES

Nádia Taquary



Nádia Taquary

AG01, 2021

miçangas de vidro da República Tcheca, búzios africanos, cobre e prata

ACERVO DA ARTISTA



Naya Violeta

Naya Violeta, nascida em Goianira (GO), cria uma moda afrocentrada. Sua marca, que leva seu nome, foi a primeira marca goiana a estar na São Paulo Fashion Week (SPFW).

“Nas celebrações de Folia de Reis, uma tradição familiar, fui encantada pelas cores e pelos movimentos, que moldaram meu olhar para uma moda enraizada em afetos e ancestralidade.”



Naya Violeta

Território cerrado, 2024

estamparia exclusiva, costura em
entremeio e aplicações de cerâmica

ACERVO DA ARTISTA

Rendeiras de Saubara

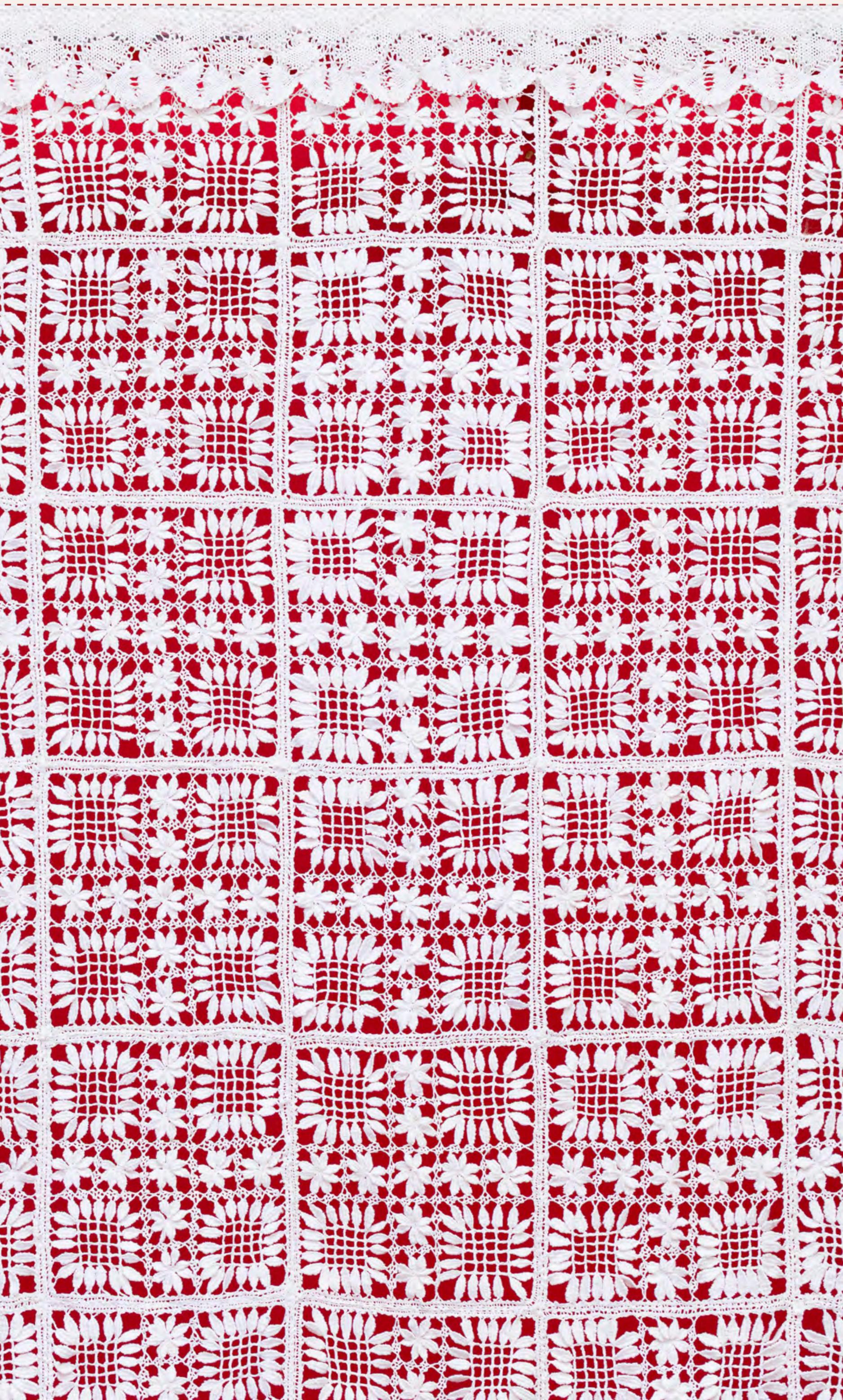


Rendeiras de Saubara

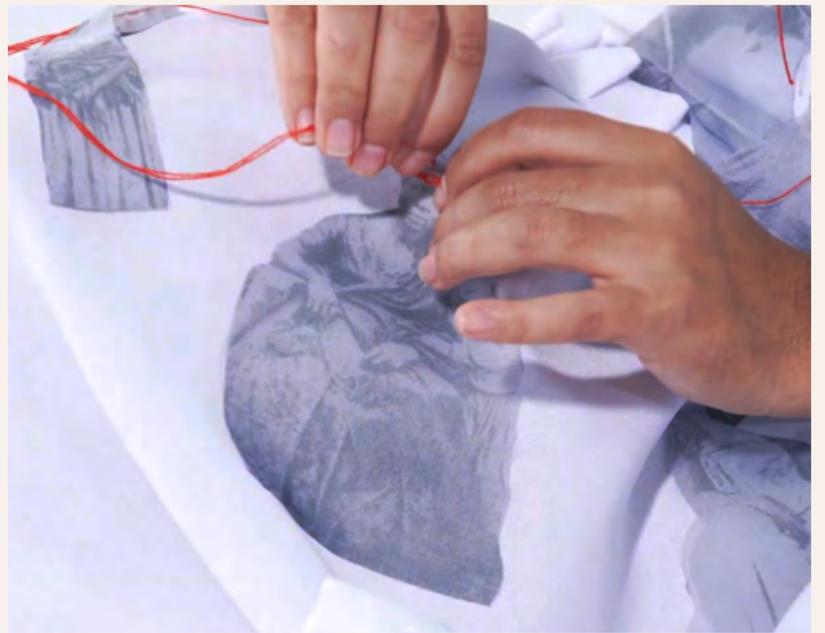
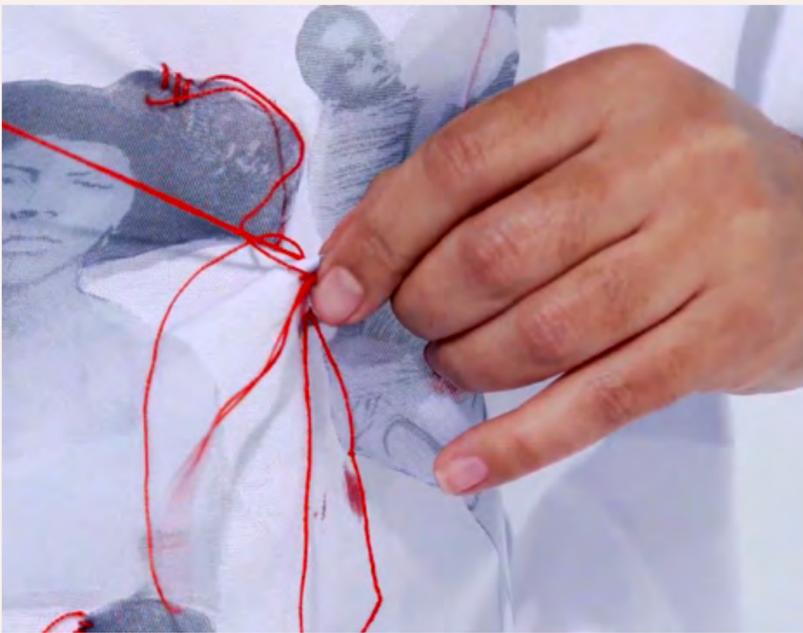
Sem título, 2024

toalha em renda de bilro com
linha esterlina nº 10, 100% algodão

ACERVO ASSOCIAÇÃO DE
ARTESÃOS DE SAUBARA



Rosana Paulino



Rosana Paulino

Das avós, 2019

videoinstalação

ACERVO DA ARTISTA

Silvana Mendes

Silvana Mendes cresceu na periferia de São Luís (MA). Trabalha com fotografia e suas ramificações desde 2015, mas o interesse por esse mundo vem desde a infância.

“Percebi que as narrativas visuais eram sempre sobre ‘escravizados’ sem identidade. Essas ausências me encorajaram, pois passei a procurar por mim mesma. Meu trabalho começa na busca do porquê dessa invisibilidade.”

O conceito de frestas vem das imagens clássicas cheias de brechas históricas, que, se ressignificadas com a presença negra, criticam a hegemonia visual eurocêntrica e criam novos imaginários.



Silvana Mendes

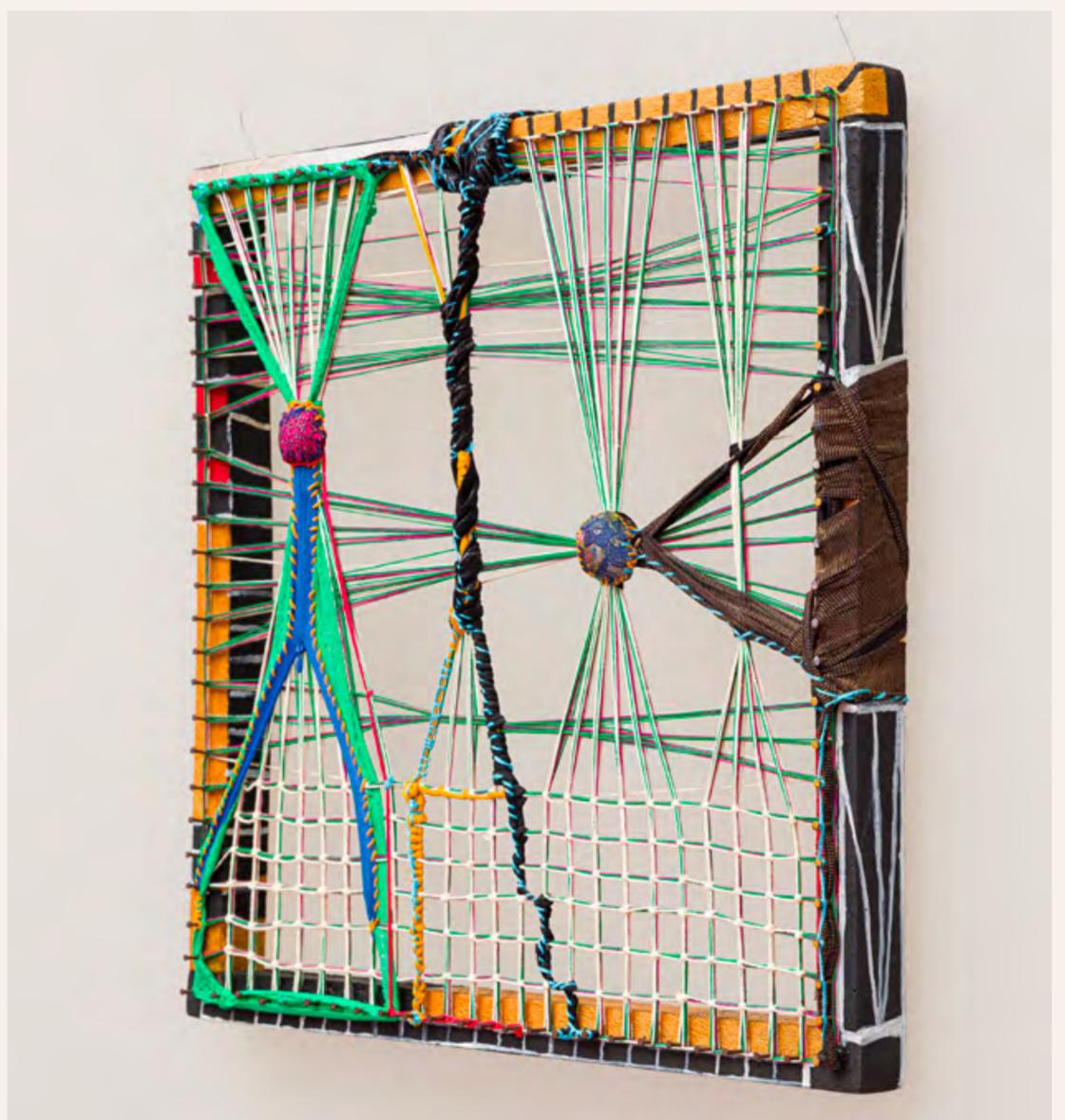
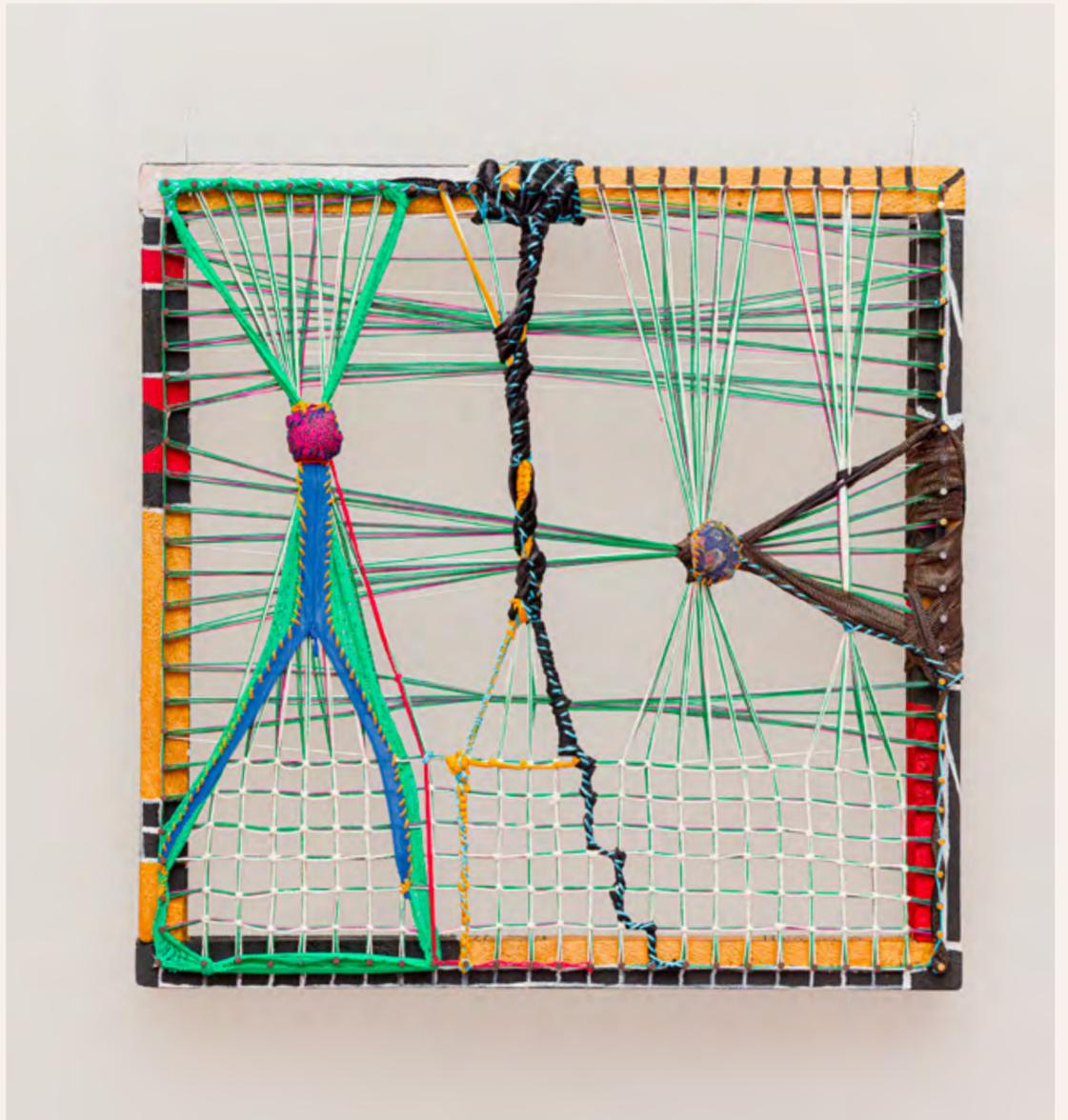
série *Frestas III*, 2024

colagem digital

reprodução

ACERVO DA ARTISTA

Sônia Gomes



Sônia Gomes

Tear II, 2023

moldura de madeira,
pregos, fios, zíper
e renda

ACERVO DA ARTISTA



Sônia Gomes

Tear III, 2023

moldura de madeira,
pregos, fios, zíper
e renda

ACERVO DA ARTISTA





Sônia Gomes

Sem título, 2004

tecidos diversos e
arame galvanizado

ACERVO DA ARTISTA



Uýra Sodoma

Indígena em diáspora habitante de Manaus (AM), Uýra Sodoma é bióloga, mestra em ecologia da Amazônia, artista visual e arte-educadora. Já participou de mais de 50 exposições coletivas, nacionais e internacionais, e apresentou cinco individuais, em lugares como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) e o Currier Museum of Art (Estados Unidos).

Uýra usa o corpo para narrar histórias de diferentes naturezas via fotoperformance, *performance* e instalações. A partir da diversidade, da dissidência, do funcionamento e da adaptação, ela (re)conta sobre encantarias e diásporas existentes na paisagem floresta-cidade.



Uýra Sodoma

LAMA, 2017

série *Elementar*

Foto: Keila Sankofa

ACERVO DA ARTISTA



Racialização

da moda

A influência negra na moda no Brasil tem registros desde o século XVI, apesar de seu protagonismo nem sempre ser reconhecido. A equipe de Pesquisa e Desenvolvimento do Itaú Cultural lista alguns movimentos contemporâneos importantes para a moda e que, em certos casos, se intrincam com outros temas, como música e esporte.

hip-hop

Nascido nos anos 1970, nos Estados Unidos, o movimento é mais que um gênero musical. Os artistas, por meio de suas roupas, expressam suas personalidades e viram referências para o mundo inteiro.

surfware & funk

Criada em 1984, a grife Cyclone, dedicada à estética surfista, dominou as periferias brasileiras. Com o passar dos anos, a marca também atraiu o público consumidor de *funk*, e segue firme na favela com produtos de qualidade e diferenciados.

estética de cria

Esta tendência exalta o visual dos jovens de periferia que foi rejeitado pela indústria da moda por décadas. E é da cabeça aos pés, literalmente: o chinelo Kenner, lançado em 1988, é uma marca registrada desse estilo – além de um símbolo de prestígio.



PROGRAMA

Ancestralidades

A plataforma *Ancestralidades* tem como objetivo reunir e difundir conteúdos derivados de processos investigativos para evidenciar as criações dos diversos Brasis baseados em saberes, histórias e culturas da população negra.

CONHEÇA MAIS



VÍDEO

Criações sustentáveis



VEJA NO YOUTUBE

SOBRE O VÍDEO

Heloisa Strobel, Jorge Feitosa e Leandro Castro, estilistas participantes da mostra coletiva *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, falam sobre criações sustentáveis. Jorge utiliza a técnica de *pop-up*, que o acompanha desde a infância, e trabalha com retalhos, incorporando-os no desenvolvimento de suas peças. Ele e Heloisa exploram outras possibilidades para resíduos e retalhos de tecido, reutilizando-os de maneira artesanal. Leandro, que criou a obra apresentada na exposição com resíduos automotivos descartados, vê a moda como um território de existência.

Exposição

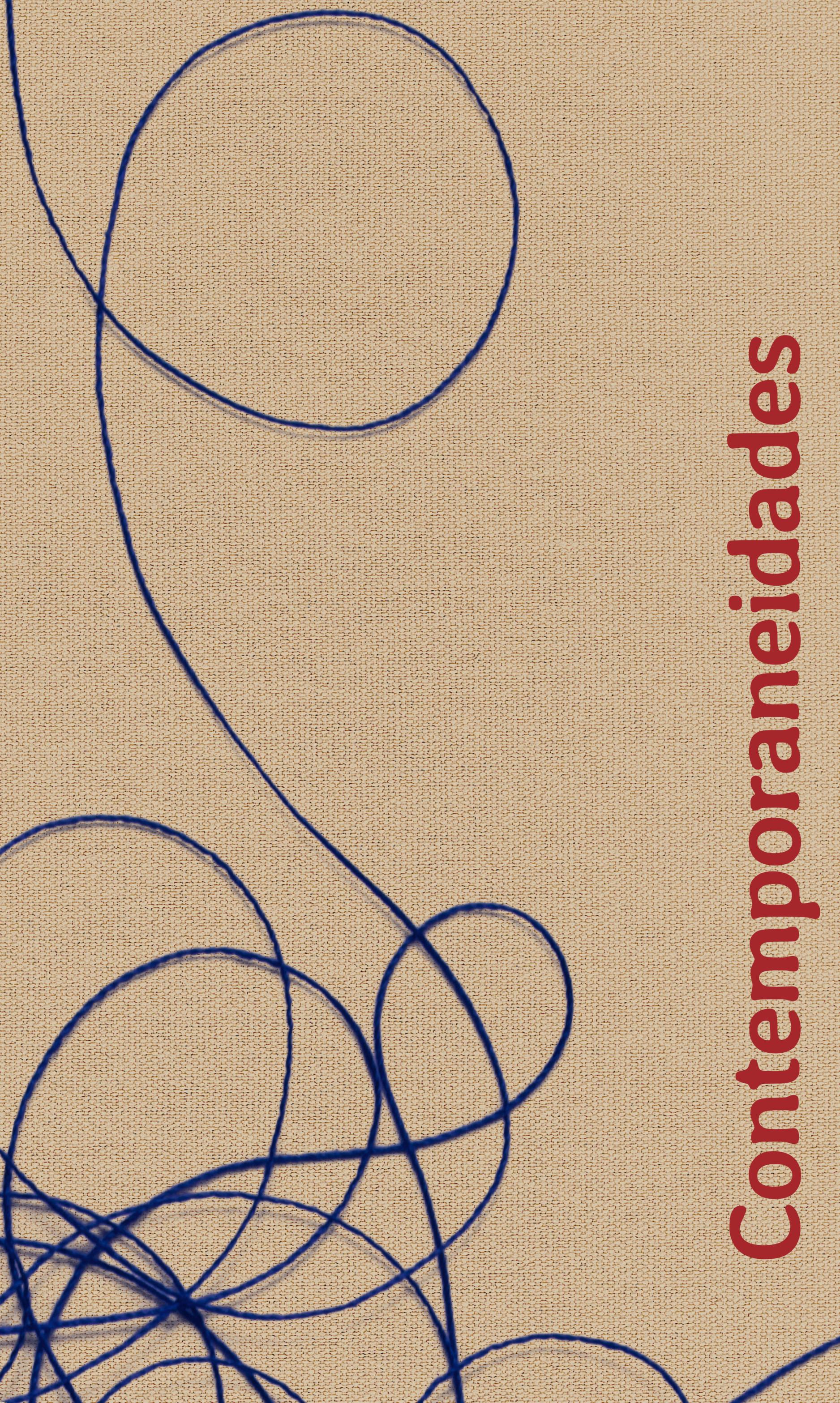
Nesta e nas próximas duas páginas, vistas do **piso 1** da exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, que esteve em cartaz no Itaú Cultural de 27 de novembro de 2024 a 23 de fevereiro de 2025







Contemporaneidades





Esta seção reúne objetos vestíveis corpóreos que nos provocam a repensar os usos da moda e nos convidam a ser, nós mesmos, o suporte da arte. Por que escolhemos o básico na vida cotidiana? Quanto da colonialidade do poder está impregnado nas regras de elegância indumentária? Este conjunto de obras é uma proposta de extrapolar a imagem refletida no espelho e reimaginar os modos de habitar o mundo, reinventando a nós mesmos e nosso entorno em uma explosão de possibilidades de existência.

Aqui, os tempos se entrelaçam de forma não linear, criam uma teia de questões políticas que interseccionam aspectos como gênero, raça, sexualidade e classe. Esta família artística compõe uma cena diversa e mescla nomes consagrados da moda brasileira com vozes independentes e alternativas que desafiam o sistema tradicional. Cada obra, à sua maneira, tensiona e questiona os limites do que é visto como norma, expandindo as fronteiras do vestuário e suas representações.

Contemporaneidades provoca, desafia e desconstrói. Permite que as histórias, antes isoladas, se entrelacem em um movimento contínuo no qual o agora se transforma em resistência viva. A moda emerge como um veículo de mudança, cruzando narrativas, reivindicando espaços e traçando novos caminhos. É o reflexo de um presente que não é estanque, mas múltiplo e aberto a novas linhas.

**SOBRE O VÍDEO**

Carol Barreto e Hanayrá Negreiros falam sobre a seção intitulada *Contemporaneidades* e sobre objetos vestíveis. Elas comentam a reunião de artistas cujas obras desafiam expectativas, como Goya Lopes, que usa de criatividade nas estamparias a partir de seu repertório de filmes, livros e sonhos, utilizando a metodologia do espiralar. Já Dayana Molina, recorre às memórias de seus familiares e representa uma carta de saudade inacabada entre o presente, o futuro e o passado em um figurino exibido na mostra. Jal Vieira, por sua vez, é uma artista que aborda o afrossurrealismo.

Adriana Meira



Adriana Meira

Senhora do ouro, 2024
aplicação de tecido
sobre tecido

ACERVO DA ARTISTA

Alexandre Herchcovitch



**Alexandre
Herchcovitch**

Sem título, 2023
conjunto em lã,
cetim e látex

ACERVO DO ARTISTA

Coletivo Coletores

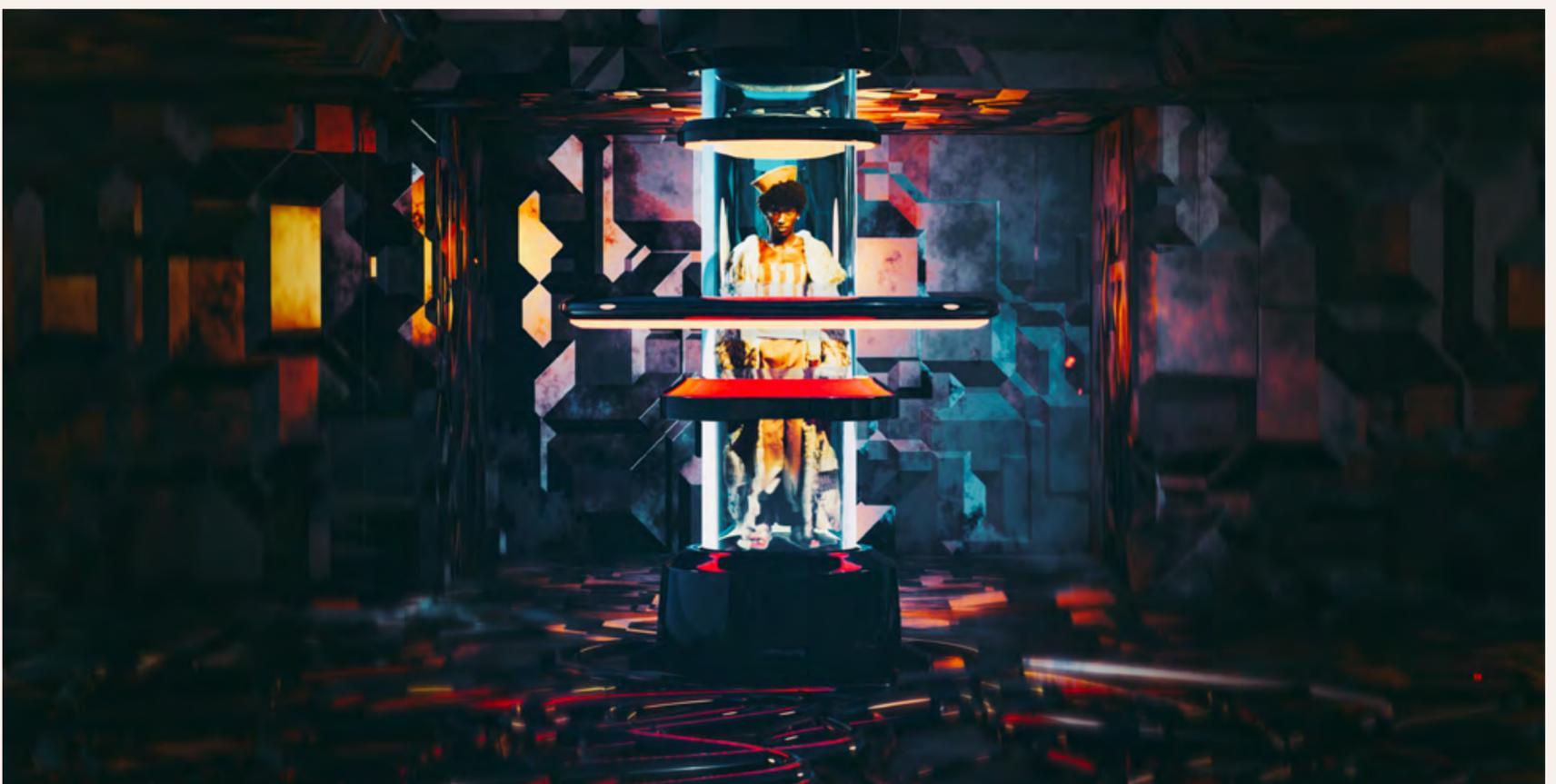
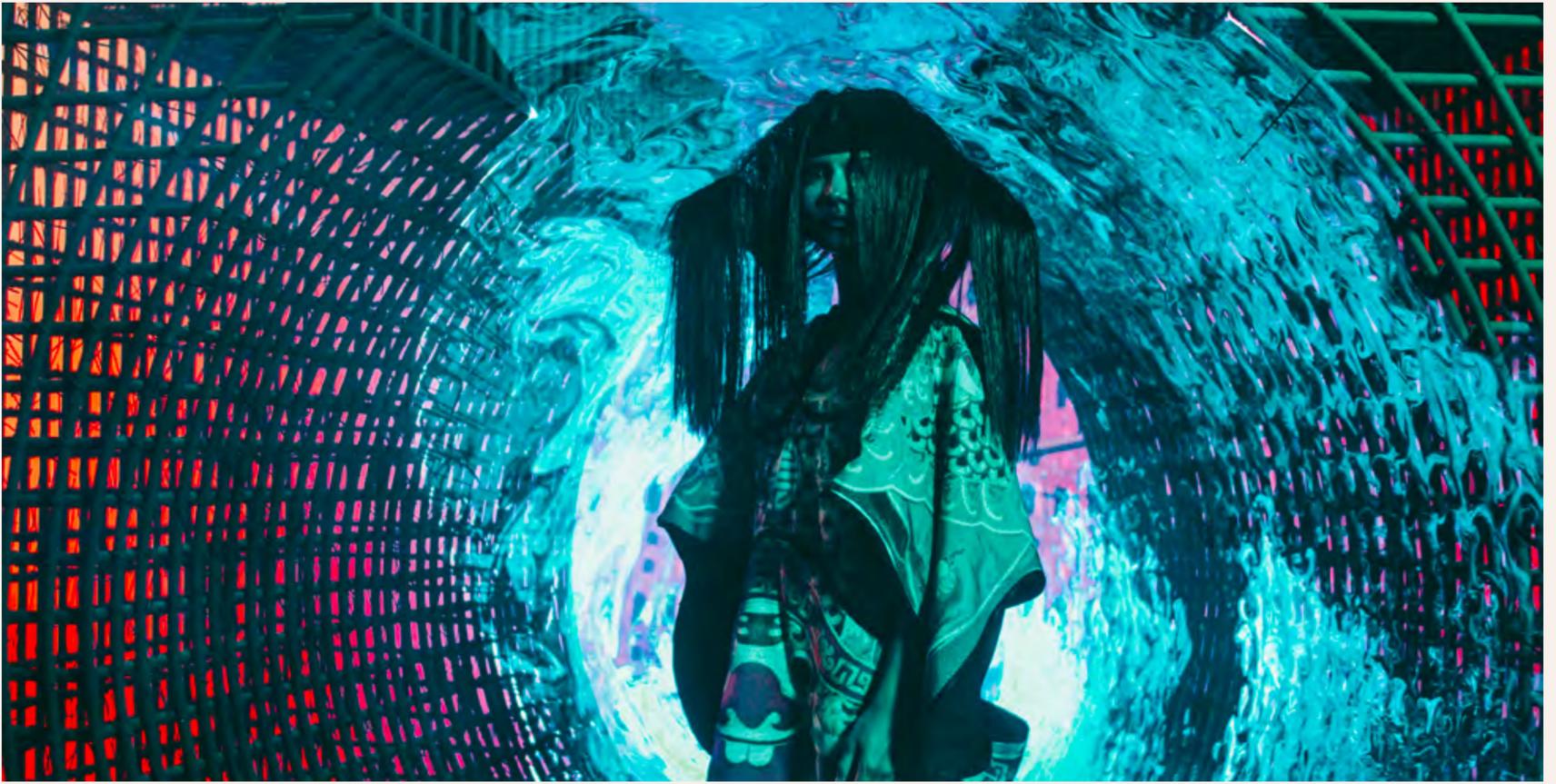


Coletivo Coletores

Re-sankofa, 2021

videoarte, 5min37s

ACERVO DO COLETIVO

**Coletivo Coletores**

Re-sankofa, 2021

videoarte, 5min37s

ACERVO DO COLETIVO

Dayana Molina

Nalimo

“A moda é expressão de afeto e memória, que começa com o legado de minha bisavó, passa para minha avó e chega a mim. A costura está em minhas entranhas. Em resposta ao etnocídio indígena, costuro um lugar de cura. Por meio dos símbolos, das palavras e das técnicas, faço da moda uma ação política, que fala sobre a minha gente e sobre a força da parentela à qual pertencço.”

A peça exposta é da coleção Capibaribe – da cidade ao sertão e aborda a origem de pessoas indígenas do sertão pernambucano. Os selos simbolizam o trânsito entre capitais, como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Os espaçamentos retangulares entre os recortes de tecido preto e branco falam de janelas para o mundo. Os retratos são símbolos de memória e afetividade.

**Dayana Molina | Nalimo**

Sertão é dentro da gente, 2024
coleção Capibaribe – da cidade
ao sertão

viscolinho e registros em papel
fotográfico aplicados sobre
o tecido com técnica de costura,
bordado e escrita

ACERVO DA ARTISTA

Dudu Bertholini e Rita Comparato

Neon



Dudu Bertholini e Rita Comparato | Neon

Minhocão, caftan coletivo, 2006

seda pura com estampas produzidas em diferentes coleções da Neon, por Fábio Gurjão (pavão), Filipe Jardim e Fábio Gurjão (corujas), Fernando Vilella (velas) e Goya Lopes (indo-afro)

ACERVO DOS ARTISTAS

Fábio Costa

NotEqual

Mineiro, Fábio Costa foi criado pela avó costureira.

“Passei 12 anos em Nova York, fui finalista de reality, trabalhei em grandes casas de moda e em um ateliê que faz figurinos para a Broadway. Em 2013, formei a NotEqual, mas a vontade era de voltar para casa.”

Costa usou inteligência artificial para criar uma África nunca colonizada, mas a limitação da tecnologia gerou repetição de algumas cores, corporeidades que não eram múltiplas e roupas sem ergonomia. No resultado, calça e bota foram fundidas em uma só. O casaco leve recebeu costuras de matelassê e foi preenchido com fibra, mudando sua usabilidade para um casaco de inverno.

**Fábio Costa | NotEqual**

Poéticas agenders

afrofuturistas, 2024

casaco de matelassê sobre
franja, calça e bota

ACERVO NOTEQUAL

Fause Haten

“Por mais de 50 anos, minha mãe guardou seu vestido de noiva. Após sua partida, passei a guardá-lo, sem saber o que fazer. Assim são as roupas com mais valor afetivo, ficam guardadas ad infinitum. Sendo este o meu ofício, penso em como dar uma vida nova a essas peças com riqueza de manufatura.”



Fause Haten

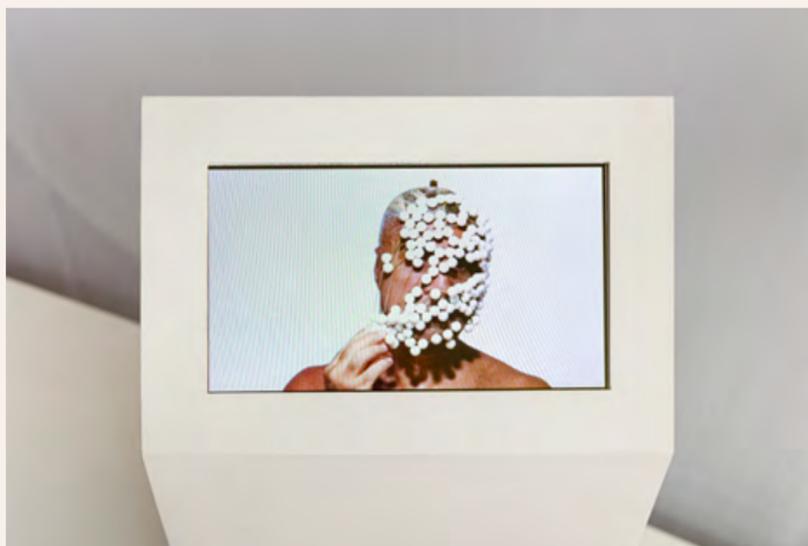
Máscara branca, 2016

série Re+Forma

*camisa de crepe georgette
e cetim de seda off-white,
cristais e alfinetes*

ACERVO DO ARTISTA

“A máscara exposta foi a primeira que fiz, em 2016, de uma camisa do desfile Marrocos, de 2007, que estava guardada no meu acervo. Libertada do armário, virou uma nova obra, que se sobrepôs à obra inicial em uma nova camada.”



Fause Haten

Selfiescultura 6 – pérolas, 2022

videoperformance

pérolas, meia de seda, agulhas e linha

ACERVO DO ARTISTA

**Fause Hatén**

Vestido silicone, 1999

crepe georgette de seda e silicone

ACERVO DO ARTISTA



Jal Vieira

Jal Vieira, de 35 anos, atua na moda desde os 20. Em 2019, passou a integrar a Casa de Criadores. Em 2020, foi a primeira brasileira a assinar uma coleção para a Marvel, com o tema “Mulheres de Wakanda”. Também para a Marvel, direcionou artistas negros brasileiros a desenvolverem releituras de heróis negros. Atualmente, é coordenadora no Senac Lapa Faustolo.

Viga vem de uma pesquisa sobre o afrossurrealismo. Os guizos são usados não apenas como amuleto desse corpo, mas como um corpo anunciando presença antes mesmo da chegada. Porque nada neste território existe sem que tenha sido erguido por uma mão negra.

**Jal Vieira**

Viga, 2024

malha telada, com aplicação
de argolas e guizos em metal
na cor dourada

ACERVO DA ARTISTA

João Pimenta



João Pimenta

O terno Fernandes e a Folia de Reis, 2024
técnica de alfaiataria
e bordado manual

ACERVO DO ARTISTA



Jorge Feitosa

Com 6 anos, Jorge Feitosa já mexia na máquina de costura, construindo brincadeiras. Esse foi o ponto de partida de sua investigação sobre criação, materiais e processos, elementos fundamentais no desenvolvimento das histórias contadas por ele.

Nordestino de Santa Cruz do Capibaribe (PE), ele desenvolve o conceito de “sulanca”. A obra, fruto de uma ação coletiva ocorrida em uma oficina, é constituída de módulos em formato de almofadas, com aplicação de zíperes destacáveis nas bordas, o que possibilita diferentes configurações de uma (possível) peça – objeto modular vestível – a partir da variação das conexões propostas. Cada participante da oficina confeccionou, com retalhos e sobras de tecido, um desses módulos.



Jorge Feitosa

Sulanca, 2021

objeto modular vestível do
ajuntamento SULANCA por NÓS
retalhos e resíduos de tecidos
de algodão, poliéster e viscose
e zíperes fixos e destacáveis

ACERVO DO ARTISTA



Jorge Feitosa

Sulanca, 2021

livro de artista do ajuntamento

SULANCA por NÓS

papel Colorplus, cartolina, papel-
-cartão, papel vegetal, papel sulfite,
papel fotográfico, linha de poliéster,
caneta esferográfica, caneta
hidrográfica, lápis de cor, lápis
grafite, cola branca e fita dupla-face

ACERVO DO ARTISTA

Lab Fantasma



Lab Fantasma

coleção *Avuá*, 2017

blazer e calça com

estampa Passarinhos Lab

e camisa Tricoline Lab

ACERVO LAB FANTASMA

Leandro Castro

Leandro Castro é estilista e artista com formação e pesquisa acadêmica interdisciplinares.

“Das bordas de São Paulo e à beira do fim do mundo, crio os fluxos do meu trabalho autoral a partir de resíduos têxteis. Acredito que a moda pode transfigurar nossas corporeidades e permitir novas formas e modos de vida.”

A peça em exposição foi realizada por processos híbridos de modelagem bi e tridimensional, a partir da anatomia física de explosões e da utilização de resíduos têxteis automotivos.

**Leandro Castro**

Estandarte explosão, 2023

série *Rebentação*

costura industrial sobre
neoprene de resíduo
automobilístico e zíper metálico

ACERVO DO ARTISTA

Luiz Claudio Silva

Apto. 03



Luiz Claudio Silva |

Apto. 03

Cura, 2021

trama e franjas
de palha de buriti
costuradas sobre crinol
plástico e algodão

ACERVO APTO. 03

Márcia Ganem

Designer e gestora social, Márcia Ganem é detentora da patente de uso da fibra de poliamida na moda nos Estados Unidos, no Brasil e em alguns países europeus. Preside o Instituto Casa de Castro Alves, que promove trabalhos com comunidades tradicionais.

O vestido citrino *Pele de Oxum* faz parte da coleção *Joias de vestir*, com peças em gemas lapidadas (citrinos, ametistas, safiras, topázio azul) e tecidas por meio de uma técnica criada pela *designer*, a trama de nó.

O vestido *Amuleto de Xede* foi feito à mão, com a confecção das rendas de bilro pelas rendeiras de Saubara, no Recôncavo Baiano, que foram unidas por uma trama de nó feita com pérolas de água doce. O trabalho foi conduzido por Márcia, que moldou a peça diretamente no manequim.

**Márcia Ganem**

Vestido citrino, 2003

fibra de poliamida e
gemas de citrino lapidado

ACERVO DA ARTISTA



**Márcia Ganem
e Associação dos
Artesãos de Saubara**

Amuleto de Xede, 2014

peça de renda de bilro e
trama de nó, com pérolas
e fibra de poliamida

Mônica dos Anjos

Mônica dos Anjos

Ana Davenga, 2024
vestido em estamparia
autoral, godê duplo,
saia com 6 metros
de largura, tecido
Javanesa; linha reta
e overloque com
acabamento com viés
do mesmo tecido

ACERVO DA ARTISTA

Obra baseada no livro
Olhos d'água (2014),
de Conceição Evaristo



Rober Dognani

Rober Dognani

Toda nudez será bem-vestida, 2024
quatro bonecos de 1,8 metro feitos em tule, com enchimento em acrílico e látex e com estampa e forma inspiradas nas obras do pintor Egon Schiele
ACERVO DO ARTISTA



**Rober Dognani**

Toda nudez será bem-vestida, 2024

vestido em tule com aplicação de látex e com estampa e forma inspiradas nas obras do pintor Egon Schiele

ACERVO DO ARTISTA

Silla Maria Filgueira

Silla Maria Filgueira é estilista e modelista. Mulher Trans nascida em Caldas de Cipó (BA), desenvolve um trabalho com costureiras e bordadeiras de sua comunidade, gerando renda para esse grupo de mulheres que perderam o emprego na pandemia.

“A peça apresentada foi inspirada em uma traição. O perfume é dos anos 1950/1960, e explico, por meio de algumas roupas, que amar é estar preso por vontade. Quero fazer moda com essência e, mais do que roupas, criar afeto e abraços em cada peça.”

**Silla Maria Filgueira**

Perfídia, 2025

vestido de algodão, bordado
com linha de crochê e paetês;
casaco de crochê e fuxicos

ACERVO DA ARTISTA

Sioduhi

Sioduhi, pequeno Piratapuya, aquele que carrega o espírito do músico milenar Baiá, nasceu na comunidade indígena Mariwá, às margens do Uaupés, afluente do Rio Negro, no Amazonas. Por meio da moda, conta histórias vivas que ouviu quando era criança.

A peça apresentada foi desenvolvida em São Gabriel da Cachoeira (AM), com a Associação das Artesãs Indígenas (Assai), formada por mais de 15 mulheres. O vestido foi feito com aplicação de novelos de tucum e tingido naturalmente, com corante têxtil à base de mandioca.

**Sioduhi**

Ovos de cobra, 2023

vestido com ponto puçá alto-rio-negrense, aplicação de novelos de tucum e tingimento natural com tecnologia maniocolor (corante têxtil à base de casca de mandioca)

ACERVO DO ARTISTA

Vicenta Perrotta com Randolpho Lamonier

Masp Renner

Vicenta Perrotta com Randolpho Lamonier

Transformer, 2022

tecidos de algodão
e sintéticos, sarja
flanelada, tricoline,
tweed, botões de
plástico e de pressão
metálicos e zíperes
de metal e sintéticos

COLEÇÃO MUSEU DE
ARTE DE SÃO PAULO
(MASP) E RENNER





Vittor Sinistra

Vittor Sinistra traz a loucura para as suas criações porque ela sempre o acompanhou em sua trajetória, seja na época em que trabalhou na área de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS), seja na ousadia de acreditar que um garoto LGBTQIAPN+ de Ceilândia (DF) poderia ter uma carreira na moda.

Seu trabalho com moda e arte o ajudou a processar as experiências com saúde mental que ainda ecoam em sua cabeça. Os “monstros” que o atormentavam se tornaram objeto de investigação quando, em vez de fugir, ele resolveu encará-los, entendê-los e abraçá-los.

**Vittor Sinistra**

Veneno, 2024

série *Sinistra EXP*

vestido de poliuretano

sintético brilhoso

ACERVO DO ARTISTA

Walter Rodrigues

Walter Rodrigues

coleção *Inverno 2002*

– *samurai*

vestidos inspirados em origamis e criados a partir de *moulage*, em organza de seda pura preta, com acessórios, chapéus e peitorais em acrílico (um deles com cristais Swarovski) e dois tubos em jérsei

ACERVO DO ARTISTA



Primórdios

da moda no Brasil

Antes da década de 1950, a imprensa brasileira acompanhava e divulgava os lançamentos sazonais de Paris, os quais eram adaptados por costureiras que atendiam as mulheres das camadas médias. Foi o impulso alcançado durante a Segunda Grande Guerra que estimulou o segmento a patrocinar eventos e a promover a ideia de uma moda criada no Brasil como forma de valorizar as fibras e os têxteis nacionais.

Destaque para um evento de 1952, o autodenominado *Primeiro Desfile de Moda Brasileira*, pelo Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte de São Paulo (IAC/Masp), como descreve Luís André do Prado. Idealizado pelo casal italiano Pietro Bardi e Lina Bo Bardi, teve como proposta realizar pesquisas para criar uma moda legitimamente nacional, que utilizasse matérias-primas, estampas e modelagens que remetessem a uma visualidade brasileira. O desfile alcançou pouca repercussão, já que o *design* do mercado da moda ainda estava submetido a tendências francesas e distante das referências da cultura popular brasileira.



VÍDEO

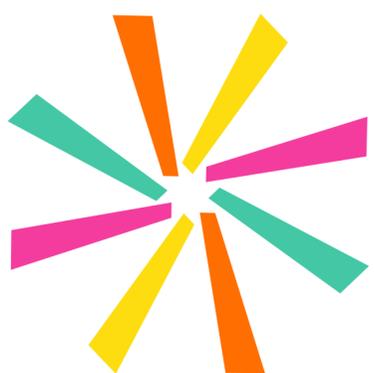
Moda acessível e coletiva



VEJA NO YOUTUBE

SOBRE O VÍDEO

Isa Silva, Fernanda Yamamoto e Jum Nakao, estilistas participantes da mostra coletiva *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, falam sobre seus processos criativos. Com a energia do dia a dia, Isa conta como a moda a salvou e como trabalha em peças que combatam preconceitos. Fernanda, por sua vez, destaca o aspecto colaborativo da criação. Jum traz a ideia de moda como percurso de cura e apresenta uma invenção democrática pela simplicidade do fazer, inclusiva e interativa.



ICplay

IC PLAY

Cinco filmes sobre moda

As curadoras da mostra selecionam cinco filmes disponíveis na nossa plataforma de *streaming*, a Itaú Cultural Play, sem assinatura, aluguel ou compra: *A costura do invisível*, *Estou me guardando para quando o Carnaval chegar*, *Favela é moda*, *O ponto firme* e *Ôrí*. Para ver onde e quando quiser.

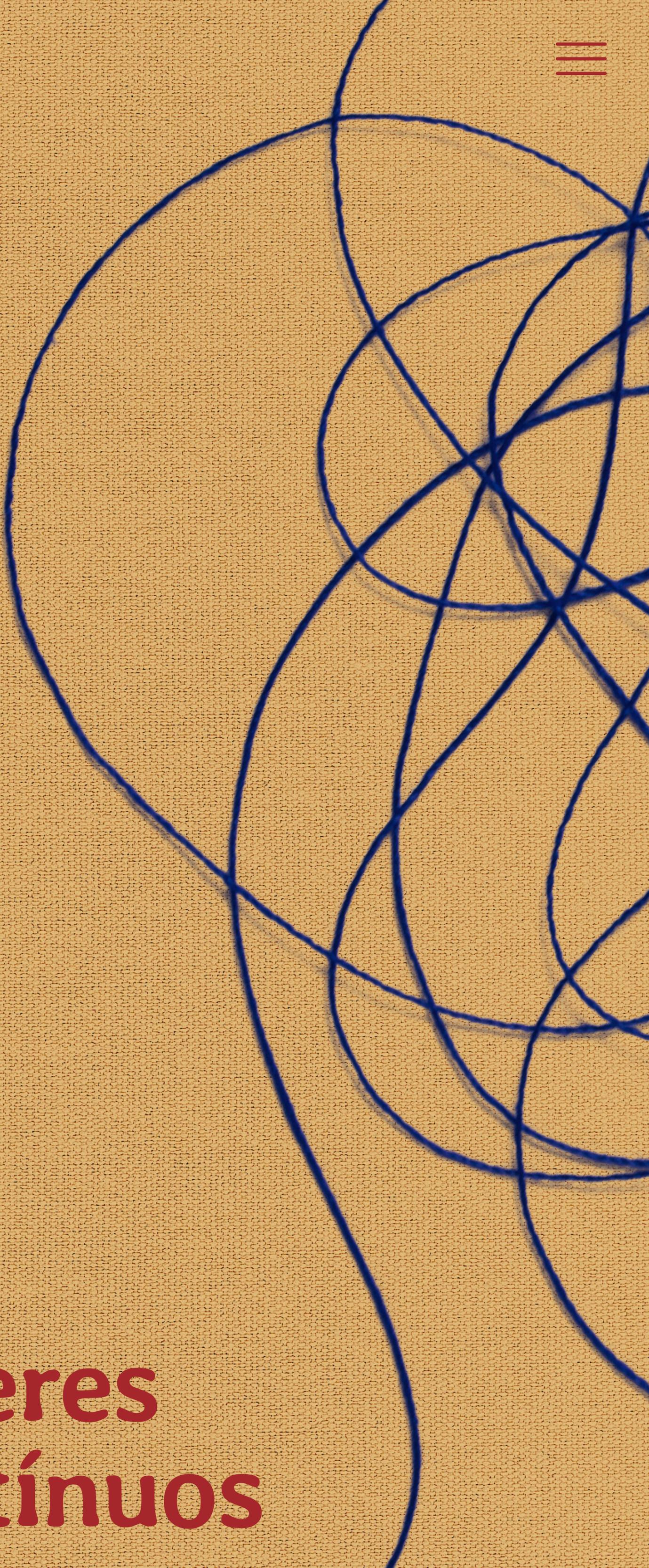
CONHEÇA MAIS

Exposição

Nesta e na próxima página, vistas do **piso -1** da exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, que esteve em cartaz no Itaú Cultural de 27 de novembro de 2024 a 23 de fevereiro de 2025







**Fazeres
contínuos**



Com um agrupamento de artistas cuja característica central é o investimento da vida e do trabalho na materialização da arte do vestir, intitulamos esta seção de *Fazeres contínuos*, propondo a seguinte reflexão: quanto do fazer constitui o saber da moda?

Nesta seção, a criação nunca cessa, o ato de desenhar, costurar e imaginar está em constante fluxo. Nesta família artística, o ateliê é não apenas um local de trabalho, mas uma extensão da própria arte, misturando-se com a obra. O espaço se transforma, assim, em uma peça central na criação da arte.

Que seja um convite para que o público sinta suas mãos como tentáculos que ampliam o alcance e o exercício de suas mentes. E que, para além do desenho de nossa corporalidade, possamos ativar todas as nossas potências para a invenção de um mundo que nos caiba (para além do P, M e G), no qual pessoas como nós possam se projetar – vivas – em um futuro melhor.



VÍDEO

Fazeres contínuos

VISITA COMENTADA: PARTE 3



VEJA NO YOUTUBE

SOBRE O VÍDEO

As curadoras Carol Barreto e Hanayrá Negreiros falam sobre a seção *Fazeres contínuos* da exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, destacando a relação com o espaço como produção de afetos e as obras abertas a novas leituras, interpretações e dimensões. Comentam, ainda, o trabalho dos artistas nas instalações: Elias Kaleb e seu estudo sobre os babados, abordando a democratização no vestir; Dete Lima, que explora a africanidade brasileira presente nos terreiros de candomblé; e Cllaudia Soares, que produz tecidos a partir de sacolas plásticas de mercado, utilizando a moda como uma ferramenta de sustentabilidade.



Alexandre da Silva dos Anjos

De Taboão da Serra (SP), Alexandre dos Anjos é artista visual, pesquisador, figurinista, estilista e curador. Trabalha com pintura e processos têxteis que incluem bordados e costuras. Sua pesquisa enfoca o corpo preto e a espiritualidade, relacionando resistência, Carnaval e indumentária com a preparação para a luta, para a festa e para o ritual.

“As máscaras transmitem o meu poder de portar magia. O HD externo da cabeça, uma nuvem de arquivos, a ressignificação de temas. Os objetos vestíveis deixam de ser efêmeros e ganham valores impagáveis.”



Alexandre da Silva dos Anjos

Altar das bolsas de mandinga, 2024

três patuás (luvas de algodão pintadas com tinta acrílica e bordadas com búzios, barro e metal, contendo ervas e objetos) e um costeiro de Carnaval (estrutura de metal adereçada com couro, tecidos e tinta)

ACERVO DO ARTISTA

Aline Bispo



Aline Bispo

Salvar o fogo, 2023

tinta acrílica sobre tela

COLEÇÃO ALEXANDRE AUGUSTO

TEIXEIRA GONÇALVES

Cllaudia Soares

Cllaudia Soares nasceu em Salvador (BA) e é uma *designer* de moda que se dedica às “manualidades” artesanais, às artes visuais, à academia e às tecnologias digitais. As peças da obra foram feitas com resíduos que seriam descartados como lixo e, após passarem por tratamento, foram transformados em tecido para a criação de roupas.

“Eu me sinto muito confortável ao manipular texturas e cores a partir de matéria-prima não convencional. Como especialista em modelagem plana ou tridimensional, constatei a viabilidade da construção de objetos vestíveis com plástico. O planeta agradece as pequenas ações que podem fazer a diferença.”

**Claudia Soares**

*Corpus: reciclar
e vestir, 2024*

desenho, modelagem,
corte, costura, prensa
com aquecimento,
estampa e aplicações

ACERVO DA ARTISTA



Dalton Paula



Dalton Paula
Zeferina, 2022
serigrafia, 19/150
ACERVO BANCO ITAÚ



Dalton Paula
João de Deus, 2022
serigrafia, 19/150
ACERVO BANCO ITAÚ



Dani Guirra

Quase duas décadas no mercado da moda forjaram Dani Guirra até aqui. Entre o chão de fábrica, a universidade, os escritórios e os ateliês, uma enorme lacuna a convocou a criar algo com que se identificasse.

“Nos últimos oito anos, dediquei-me a estudar os metais – latão, cobre e alpaca – a partir de saberes negros e indígenas nas Américas. E não seriam esses os fundamentos da minha família com origem em Mato Grosso?”

Panometal é uma interseção entre joalheria e arte têxtil e faz referência a ofícios africanos difundidos na diáspora.



Dani Guirra

Panometal, 2024

coleção *A mercadora*

painel produzido em

chapa de latão

ACERVO DA ARTISTA

Dete Lima

Terreiro Ilê Aiyê

Nascida no Curuzu, em Salvador (BA), Dete Lima é estilista e artista visual, responsável pela estética do bloco Ilê Aiyê. Desde a infância, imersa no terreiro de sua mãe, Mãe Hilda Jitolu, ela desenvolveu um olhar único para a beleza negra, inspirando-se na ancestralidade africana e nas tradições do candomblé.

Deusa do Ébano nasceu dessa conexão profunda com o Ilê Aiyê, para o qual ela cria as amarrações do corpo e da cabeça das Deusas do Ébano, participantes do concurso Noite da Beleza Negra, inspirando-se nas vestimentas tradicionais dos Voduns, divindades do candomblé.

Em 2018, o Ilê Aiyê foi homenageado com uma exposição do projeto *Ocupação Itaú Cultural*.



Dete Lima | Terreiro

Ilê Aiyê

Deusa do Ébano, 2024

vestuário

ACERVO DA ARTISTA



Ellias Kaleb

Ellias Kaleb nasceu em Rio Formoso (PE) e se apresenta como “um estilista preto, entusiasta das construções de costura experimentais que buscam dar forma às emoções”.

“Sempre observei o mundo por um prisma sensível, tentando desvendar o que está escondido por trás do véu da existência. As cartas trocadas por meus pais antes do meu nascimento e os bordados feitos por minha mãe são o elo da elaboração da peça Lembrança 1984, uma maneira de dar forma aos sentimentos por meio das costuras.”



Elias Kaleb

Lembrança 1984, 2024

algodão

200 x 200 cm

ACERVO DO ARTISTA

Gustavo Silvestre



Gustavo Silvestre

A cuca, 2022
desenvolvimento
exclusivo para
a modelo e
apresentadora Carol
Ribeiro, utilizado no
baile da Vogue em
2002, com o tema
“Brasilidade fantástica”
crochê e franjas

ACERVO DO ARTISTA

Heloisa Strobel

Reptilia



Heloisa Strobel | Reptilia

Fragmentos tempestade, 2022

vestido com tecido plano, retalhos de tafetá, xantungue, gazar de seda e zibeline

ACERVO REPTILIA

Jum Nakao



Jum Nakao

Moldes, 2024

materiais diversos

ACERVO DO ARTISTA

Larissa de Souza



Larissa de Souza

A criação, 2024

coleção Simões de Assis

tinta acrílica e aplicações sobre linho

Maxwell Alexandre



Maxwell Alexandre

Pardo é papel: primeiro contato, 2020

tinta acrílica, betume, caneta

esferográfica, carvão, fita-crepe, grafite,

graxa e pastel seco sobre papel pardo

ACERVO DO ARTISTA



Maxwell Alexandre

Pardo é papel: primeiro contato, 2020

tinta acrílica, betume, caneta

esferográfica, carvão, fita-crepe, grafite,

graxa e pastel seco sobre papel pardo

ACERVO DO ARTISTA



Maxwell Alexandre

Pardo é papel: primeiro contato, 2020

tinta acrílica, betume, caneta

esferográfica, carvão, fita-crepe, grafite,

graxa e pastel seco sobre papel pardo

ACERVO DO ARTISTA

Nei Lima

Nei Lima é artista visual, figurinista, *performer* e produtor cultural, com vasta experiência em acessibilidade.



Nei Lima

Nunca mais abismo, 2021

colete-coluna de cordão de algodão, arame e fio de *LED*

ACERVO EDU O.

“O figurino foi realizado para a série de fotoperformance Nunca mais abismo e parte da pesquisa do artista e coreógrafo Edu O. sobre a ‘bipedia compulsória’ na dança, que desumaniza e exclui corpos com deficiência e outros que não se enquadrem nos padrões normatizantes. A matéria-prima escolhida, o cordão de algodão, refaz metaforicamente os nós de uma rede-trama, impedindo que esses corpos sucumbam aos abismos cotidianos.”

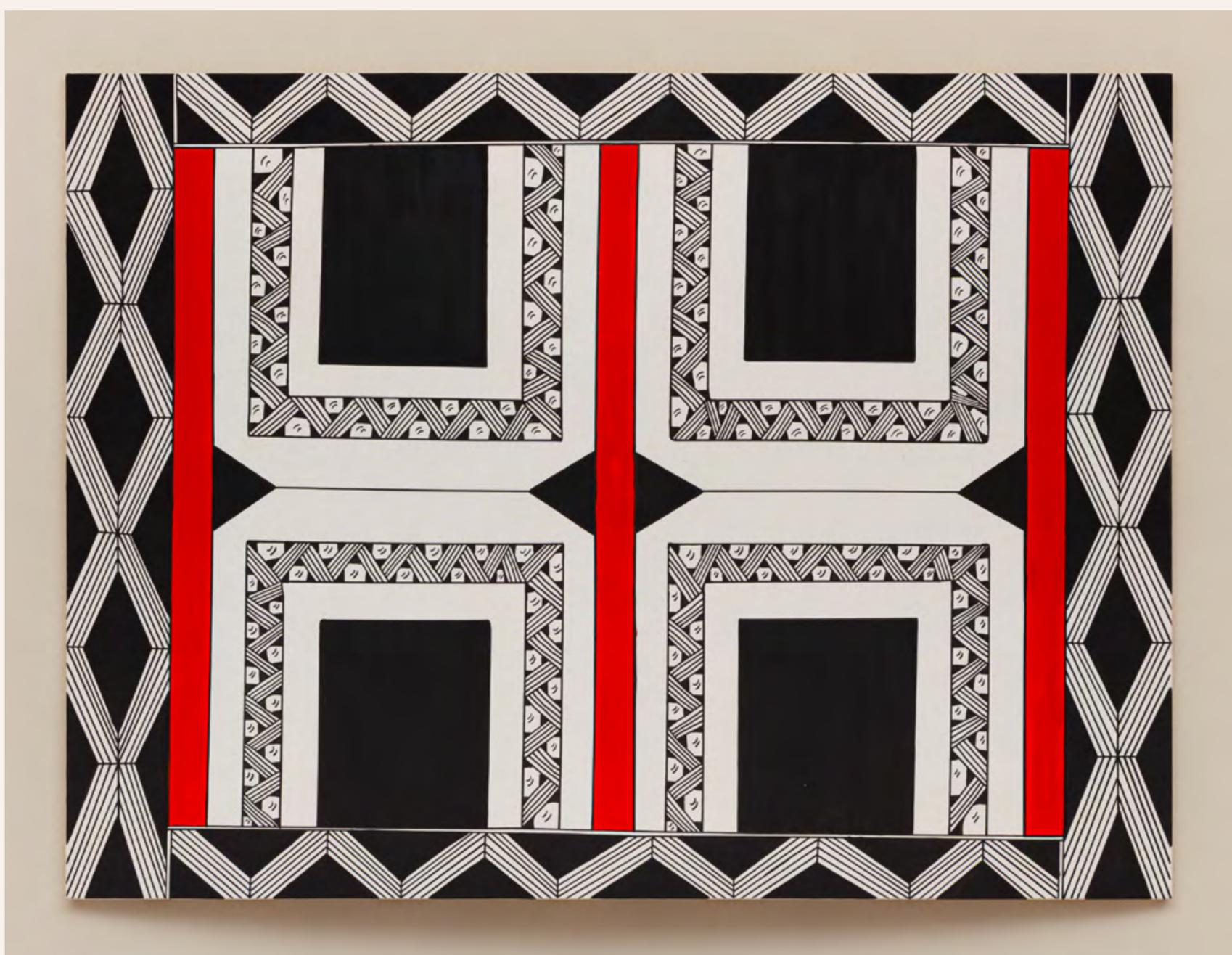
**Nei Lima**

Nunca mais abismo, 2021

gola de cordão de algodão,
arame e fio de *LED*

ACERVO EDU O.

Patrícia Kamayurá



Patrícia Kamayurá

Grafismo ancestral

Kuarup, 2024

ACERVO DA ARTISTA

Ronaldo Fraga



Ronaldo Fraga

Vestido em mosaico,

2012/2013

coleção *Turista*

aprendiz na terra

do Grão-Pará

placas de madeira

sobre tule

ACERVO DO ARTISTA



Silverino Ojú

Silverino Ojú é um homem negro de pele parda, cis, LGBTQIAPN+, baiano, periférico e pessoa com deficiência (PcD) desde os 19 anos. Entre Bahia e São Paulo, sua produção transita pelo têxtil, com espaço para a dança e a *performance*.

“A atadura hospitalar começou a fazer parte da minha vida há mais de duas décadas, quando sofri uma fratura ortopédica. Desde então, convivo com esse material que envolve a ferida no meu corpo. Após inúmeras complicações, internações e cirurgias no fêmur, resolvi contar essa história de outro lugar que não o da doença.”

**Silverino Ojú**

Sutura e a cura Kuarup, 2023/2024

coleção Cápsula sutura e cura

atadura hospitalar, tecidos e aviamentos

ACERVO DO ARTISTA

Inventário

de tipologias artesanais

Do algodão às fibras naturais, trançadas pelo saber ancestral dos povos originários, as matérias-primas viram preciosas tramas que carregam tradição e inovação nas passarelas, como elencam Cris Pioner, Germana Cabral e Roberta Souza.

rendas de bilros

Raimunda Lúcia Lopes vive em Trairi, no litoral oeste do Ceará, onde fomenta a produção de rendas por meio da Associação das Rendeiras de Timbaúba. É guardiã da renda de bilro, produzida com o auxílio de alfinetes feitos com espinhos de mandacaru.

renascença

As Rendeiras da Aldeia são em sua maioria nordestinas e se unem em Carapicuíba (SP). Tornaram-se referência na salvaguarda da tradição e da cultura, bem como no fomento da valorização da renda da moda contemporânea.

renda irlandesa

Produzida em Divina Pastora (SE), utiliza o lacê (cordão grosso), que proporciona mais corpo, relevo e brilho à renda. O modo de fazer

é considerado patrimônio cultural e imaterial brasileiro, e os desenhos são geralmente de flores e arabescos.

labirinto

Ao desfiar um tecido e bordá-lo com os próprios fios retirados da trama, surge o valioso labirinto. Maria Beatriz Andrade da Cunha (Fortaleza/CE), ou Dona Bia, de 84 anos, já compôs inúmeras peças assinadas em parceria com *designers*.

trançados

O buriti ganhou “corpo” pelas mãos das artesãs quilombolas de Barreirinhas, no Maranhão. Elas tecem fibras naturais com a técnica do crochê, as quais, de forma inédita, foram transformadas em roupas de luxo pela grife Lenny Niemeyer.



VÍDEO

Para além das roupas



VEJA NO YOUTUBE

SOBRE O VÍDEO

Alexandre Heberte, Larissa de Souza e Karlla Giroto, estilistas participantes da mostra coletiva *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, falam sobre trabalhos que evidenciam a ideia de moda para além das roupas. Alexandre comenta a respeito do papelão como veículo para tramar, elemento importante no processo de valorizar a relação com o tecido. Já Larissa trabalha com o Surrealismo e com a recuperação e invenção de símbolos. E Karlla, ao lidar com o desmanche de uma peça, potencializa questões estéticas e de memória familiar.



OCUPAÇÃO

Zuzu Angel

Mãe, estilista, empresária, militante. Zuzu Angel foi uma mulher multifacetada que mudou o visual que era padrão na década de 1960. Confira a *Ocupação* feita em homenagem à multiplicidade e à legitimidade de Zuzu.

[CONHEÇA MAIS](#)

Exposição

Nesta e na próxima página, vistas do **piso -2** da exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, que esteve em cartaz no Itaú Cultural de 27 de novembro de 2024 a 23 de fevereiro de 2025







Ficha técnica

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

Itaú Cultural

CURADORIA

Carol Barreto e Hanayrá Negreiros

ASSISTENTE DE CURADORIA

Adriele Regine

PROJETO EXPOGRÁFICO

Estúdio de Arquitetura Gab de Matos

ASSISTÊNCIA DE PROJETO EXPOGRÁFICO

Antônio Esteves, Luísa Carrasco e Nathalia Duran

PROJETO DE ACESSIBILIDADE

Itaú Cultural

NOMES CITADOS NESTE CATÁLOGO

Adriana Meira, Alberto Pitta, Alexandre da Silva dos Anjos, Alexandre Heberte, Alexandre Herchcovitch, Aline Bispo, Aline Motta, Angela Brito, Anne Anicet, Apto. 03, Associação dos Artesãos de Saubara, Atelier Contextura, Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha, Carol Barreto, Cllaudia Soares, Coletivo Coletores, Dalton Paula, Dani Guirra, Dayana Molina, Dete Lima, Dudu Bertholini, Ekedy Sinha, Ellias Kaleb, Fábio Costa, Fause Hatén, Fernanda Yamamoto, Goya Lopes, Gustavo Silvestre, Heloisa Strobel, Igi Lóla Ayedun, Irekran Kaiapó, Isa Silva, Jal Vieira, João Pimenta, Jorge Feitosa, Juliana Fonseca, Jum Nakao, Karlla Giroto, Lab Fantasma, Larissa de Souza, Leandro Castro, Leda Maria Martins, Leticia Côrtes, Lino Villaventura, Luiz Claudio Silva, Márcia Ganem, Masp Renner, Maxwell Alexandre, Mestre Didi, Mônica dos Anjos, Nádia Taquary, Nalimo, Naya Violeta, Nei Lima, Neon, NotEqual, Patrícia Kamayurá, Randolpho Lamonier, Rendeiras de Saubara, Reptilia, Rita Comparato, Rober Dognani, Ronaldo Fraga, Rosana Paulino, Silla Maria Filgueira, Silvana Mendes, Silverino Ojú, Sioduhi, Sônia Gomes, Terreiro Ilê Aiyê, Terreiro da Casa Branca, Uýra Sodoma, Vicenta Perrotta, Vittor Sinistra e Walter Rodrigues.

\C ItaúCultural